



VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA
40 anos de democracias: progressos, contradições e perspectivas

ÁREA TEMÁTICA: Migrações, etnicidade e racismo [AT]

**MULHERES BRASILEIRAS EMPREENDEDORAS EM PORTUGAL: DOS DESAFIOS AOS
PROJETOS DE FUTURO**

GRACIOLI, Maria Madalena
Doutora em Sociologia
Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ituverava
lenagracioli@gmail.com

VANNUCHI, Maria Lucia
Doutora em Sociologia
Universidade Federal de Uberlândia
maluvannuchi@yahoo.com.br

Resumo

Esta pesquisa foi realizada com mulheres brasileiras que possuem pequenas empresas na Costa da Caparica, e na Região do Porto, em Portugal. Os relatos apontam que as motivações para deixar seu país de origem, na maioria das vezes são tanto de ordem objetiva, no que tange às condições materiais de existência, quanto de natureza subjetiva, simbólica; mostram que as primeiras dificuldades que enfrentaram no país acolhedor foram o preconceito e a discriminação. Os depoimentos revelam que a vida enquanto mulher brasileira e empreendedora coloca desafios cotidianos que requerem determinação para continuar perseguindo os objetivos originalmente traçados e enfrentar, além dos problemas inerentes ao próprio processo migratório, os específicos do trabalho na pequena empresa, em termos do cumprimento das obrigações fiscais portuguesas, da falta de capital de giro e, mais recentemente, nos últimos anos, da crise econômica que assola o país. Algumas mesmo tendo sua empresa aprovada pelas Instituições portuguesas, não conseguiram regularizar sua situação de permanência, vivendo em situação de clandestinidade. Entretanto, a despeito das dificuldades encontradas e da saudade do país de origem, revelam o desejo de continuar em Portugal, ou pesar quando decidem pelo retorno, por considerarem que o país oferece melhor qualidade de vida, sobretudo no sentido financeiro, e apresenta menor índice de violência.

Abstract

This research foccuses Brazilian women who own small businesses in “Costa da Caparica”, and in “Porto” region, in Portugal. They have reported that the motivations for leaving their country of origin , are as objective , like the material conditions of existence , as subjective and symbolic . They show us that the first difficulties in the host country were prejudice and discrimination. They show us that their lives as enterprising brazilian women put daily challenges to solicit hard determination to go on their way, to reach their goals originally outlined, and also to have additional troubles relate to the migration process itself , they have other problems in the specific work in small business , such as the Portuguese tax compliance obligations , and the lack of capital and, lately , the economics crisis in the host country. Some women even having their companies approved by the Portuguese institutions, weren’t able to regularize their residential status, so, they are living an underground situation. However, despite the difficulties they have encountered, and the fact that they miss their own country, they wish to continue in Portugal, or feel sad when they decide to go back, due to the opportunities the host country offers, like better quality of life, mainly financially, and the lower rate of violence.

Palavras-chave: migração; gênero; trabalho; empreendedorismo.

Keywords: migration; gender; work; entrepreneurship.

Introdução

Vivemos num tempo em que o desenvolvimento dos transportes e das comunicações favorece a migração internacional de pessoas, e nesse sentido milhares de brasileiros/as dirigem-se para várias partes do mundo em busca de oportunidades, visando desenvolver projetos até então não realizados no Brasil; perseguem novas condições de vida tanto em termos materiais quanto simbólicos, seja um determinado estilo de vida, de reconhecimento, ou estudo e aperfeiçoamento profissional, sejam novas relações afetivas. Alguns/as são simplesmente movidos/as pelo espírito de aventura e desejo do novo. Não é tarefa simples elencar os motivos que levam as pessoas a deixarem sua terra natal, mas, normalmente estes vinculam-se a questões sociais, econômicas, políticas e familiares, dentre outras que se encontram de tal forma emaranhadas, tornando-se difícil identificar uma disposição prioritária para migrar; poderíamos dizer, consoante a dialética marxiana, que o processo é síntese de múltiplas determinações.

E, nesse complexo processo, a migração internacional de mulheres vem, nas últimas décadas, ganhando visibilidade e despertando o interesse de pesquisadores/as, não apenas pelo crescimento do número de mulheres migrantes, mas também pelas dinâmicas e pelas novas configurações desse movimento.

Seguindo essa tendência mundial, a presença de mulheres brasileiras em Portugal tem, nos últimos anos, superado a dos homens. Dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras- SEF apontam que em 2012 havia em território português, 44.127 homens e, 61.495 mulheres, ou seja, um número de 17.368 mulheres mais do que número de homens.

A crescente presença de mulheres brasileiras em Portugal tem desde o final do século XX despertado a atenção e o interesse de muitos/as pesquisadores/as que tentam compreender todas as interfaces da inserção da mulher brasileira na sociedade e no mercado de trabalho português.

A presente investigação também foi em busca de mulheres brasileiras que vivem em Portugal, com o objetivo de conhecer como elas conseguiram superar os desafios com que se defrontam, e constituírem-se como empreendedoras de pequenas firmas em território português, alternativa às convencionais formas de inserção no mercado de trabalho: como empregadas em serviços de mesa, nos cuidados de idosos e de lares, ou, como profissionais do sexo.

Assim, fomos à busca de mulheres brasileiras imigrantes em Portugal, que ousaram numa nova sociedade enfrentarem simultaneamente dois desafios, o de inserção na nova sociedade e o de empreender uma pequena firma. A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas e, os principais temas abordados foram: os projetos pessoais de migração, as suas relações com a cultura de origem e com a do país de acolhimento, e, a experiência enquanto mulher empreendedora.

1. A presença feminina no contexto da imigração brasileira em Portugal

Diversos estudos já foram realizados com o objetivo de conhecer a complexidade da imigração brasileira em Portugal; livros, artigos, teses de doutorado, dissertações de mestrado constituem uma vasta produção sobre os/as brasileiros/as em Portugal.

Esses estudos apontam que a presença feminina conheceu, ao longo das últimas décadas, significativo crescimento, de tal forma que, consoante os dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras - SEF, atualmente o contingente de mulheres brasileiras imigrantes em Portugal supera de forma significativa, o masculino.

Padilla (2007) afirma que os fluxos migratórios sempre tiveram a presença feminina, mas que nem sempre ela tenha sido considerada, estudada ou visualizada. A autora afirma ainda que no caso das brasileiras em Portugal, há uma tendência crescente de mulheres que migraram sozinhas ou no bojo de uma estratégia familiar de migração, nem sempre liderada pelo marido ou pai. Muitas vezes partiu delas a decisão de migrar.

Também é importante destacar que a migração de brasileiros/as para Portugal apresenta mudanças significativas ao longo das últimas décadas do século XX e na primeira década, e anos seguintes do século XXI.

De acordo com Malheiros (2007), a imigração brasileira em Portugal desdobra-se em duas fases distintas: a denominada Primeira vaga que inicia em finais dos anos 1980 e se prolonga até início da década de 1990. Esse período é caracterizado por um elevado volume de profissionais qualificados/as com alto nível de instrução, pertencente às classes média e média alta, e que conseguiram se inserir em segmentos privilegiados do mercado de trabalho português.

Para Malheiros (2007) essa fase teve início na década de 1980, no momento em que Portugal acabava de ingressar na Comunidade Económica Europeia – CEE, e necessitava de mão-de-obra qualificada para a nova fase da economia; nesse sentido, a imigração era necessária, principalmente nos setores mais carentes como marketing, publicidade, informática e alguns ramos da saúde.

A denominada “segunda vaga” de imigração brasileira, intensamente estudada (Casa do Brasil em Lisboa, 2004; MALHEIROS, 2007; GÓIS *et al.*, 2009), ocorreu a partir do final dos anos 1990, num panorama totalmente diferente. O novo perfil é composto por trabalhadores/as menos qualificados/as, de classe social mais baixa, e, caracteriza-se também pelo elevado número de imigrantes e pelo fato de “serem percebidos como pobres na sociedade de acolhimento” (PADILLA, 2006, p.19). Chegaram ao país para trabalhar como operários/as da construção civil, e empregados/as nas áreas de serviços, sobretudo no comércio. Essa segunda fase coincide com a melhoria das condições de vida, estudo e emprego dos/as portugueses/as que passaram a rejeitar trabalhos menos qualificados, que foram relegados a imigrantes, dentre eles, aos/às brasileiros/as.

A expansão da economia e a diversificação do setor de serviços vai reforçar esse fluxo, uma vez que tais atividades são desinteressantes para os/as cidadãos/ãs portugueses/as e atrativas para os/as imigrantes. Para os/as brasileiros/as, o domínio da língua e os estereótipos associados à simpatia e à alegria, características essenciais no contato com o público, permitiram conquistar espaço nos setores de serviços, principalmente comércio e restaurantes (Machado, 2003, 2006; Padilla, 2006). Mas também, vale registro, o emprego doméstico absorve a mão de obra imigrante, sobretudo a feminina; é o setor que mais atrai mulheres trabalhadoras (Peixoto; Figueiredo, 2006).

Vários estudos (Machado, 2003; Pontes 2004; Padilla 2007; Peixoto 2007) realizados sobre a imigração brasileira em Portugal apontam, igualmente, que a segmentação e a etnização adquirem características singulares para a mulher brasileira, cuja imagem é vinculada ao mercado do sexo e do erotismo, o que impacta negativamente a experiência migratória de muitas brasileiras, não só no mercado de trabalho, mas também na rotina cotidiana de ir às compras, de frequentar espaços públicos, de utilizar meios de transporte coletivos. Esses estudos apontam que a sexualização das mulheres brasileiras decorre dos estereótipos que as tipificam como possuidoras de singular sensualidade e erotismo.

Tal vinculação à prostituição afeta a totalidade das mulheres brasileiras, independentemente de sua idade ou raça/etnia, porém, é notório que para as mais jovens este estigma é mais acentuado, pois elas são, na imaginação dos(as) portugueses(as) a encarnação da sensualidade, com seus “corpos bonitos”, “vozes suaves”, e “jeito doce”.

Esse estereótipo da sensualidade da mulher brasileira, construída pelos/as portugueses/as, será também determinante no crescente número de casamentos entre portugueses e brasileiras, estudado por Togni; Raposo (2009), que apontam que no ano 2000 foram realizados 271 casamentos, saltando para 2315 no ano de 2006, embora muitos fossem considerados fraudulentos ou por conveniência, apenas para a mulher conseguir direito de permanência no país; sendo difíceis de serem comprovados, como afirmam os autores.

Pesquisa denominada “Vagas Atlânticas: a imigração brasileira em Portugal”, cujos resultados parciais foram divulgados em outubro de 2009, no artigo intitulado: “Segunda ou terceira vaga? Observa, a partir de dados preliminares, a feminização como característica marcante da imigração brasileira recente em Portugal” (GÓIS *et al.*), mais exatamente, no período compreendido entre 2003 e 2009. Padilla (2007) aponta que existe em Portugal um alargado nicho laboral para imigrantes mulheres no setor de limpeza em domicílios e no cuidado de doentes e pessoas idosas; outro nicho é o setor de restaurantes e hotelaria, bem como o do comércio do sexo - *sex trade* - ou prostituição.

Atualmente os/as brasileiros/as constituem a população estrangeira mais numerosa em Portugal, de acordo com dados do Serviço de Estrangeiros de Fronteiras – SEF –, o número de brasileiros/as em Portugal em situação legal, ou seja, com título de residência ou com prorrogação de permanência de longa duração, era em 2009 de 116.220 pessoas, constituindo 25% da população estrangeira no país. Em dezembro de 2010 esse número saltou para 119.363 pessoas, perfazendo 26,81%. Em dezembro de 2012, apesar de ainda constituir a maior comunidade estrangeira, esse número cai para 105.622, passando a compor 25,3% da população estrangeira em território português.

O crescimento da comunidade brasileira em Portugal ocorreu até 2010; a partir de 2011 começou a declinar.

Segundo as Estatísticas Anuais do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras - SEF, em 2009, foram concedidos 51.916 títulos de residência e 145 prorrogações de vistos de longa duração, totalizando 52.061 para os homens e 64.159 para as mulheres; 63.966 títulos de residência e 193 prorrogações de vistos de longa duração.

Já em 2010 foram concedidos 52.401 títulos de residência e 77 prorrogações de longa duração, totalizando 52.478 para os homens, o que significa um aumento de 417 homens, 66.794 títulos de residência e 91 prorrogações de longa duração, totalizando 66.885 para as mulheres, o que corresponde a um aumento de 2.726 mulheres. Dos 3.143 brasileiros/as que entraram em Portugal em 2010, 2.726 são mulheres, ou seja, 86,73% do total. E ainda pode-se dizer que há na população contabilizada em dezembro de 2010, um número de 14.407 mulheres a mais do que o número de homens brasileiros vivendo em Portugal. Em 2012 esse número salta para 17.368, ou seja, é possível dizer que a migração de retorno tem sido maior para os homens do que para as mulheres que insistem na realização dos objetivos no país acolhedor.

No caso específico dos povoados da Costa da Caparica, o refluxo migratório é digno de nota. Matéria da Folha de São Paulo registra que “o número de brasileiros chegou a 4.000, de uma população total de 13 mil. No primeiro trimestre de 2012, porém, restavam apenas 1500”. (Belchior, 2012)

Da síntese aqui apresentada, sobre a presença da imigração feminina brasileira em Portugal, verifica-se que esta continua desempenhando importante papel no contexto da imigração estrangeira em Portugal. Se desta já muito se sabe, ainda há muito por saber, constituindo-se, desse modo, como um campo aberto a novas investigações.

2. Desafios enfrentados por mulheres brasileiras empreendedoras em Portugal

No caleidoscópio de um tempo multidimensional o/a migrante trafega entre *flashbacks* e *flashforwards*; o processo migratório é pleno de memórias e de esperanças. Traz, em si, as marcas de nossas necessidades de mudanças - ampliadoras de horizontes - e de nossas necessidades de enraizamento e pertença.

Um/a imigrante não é meramente uma pessoa que deixou um país e se deslocou para outro; trata-se de uma pessoa à procura de um lugar onde possa (re)construir a vida e recomeçar a sua história. É nesse novo lugar que vai remodelar suas vivências e ressignificar a sua vida, ao ser inserido/a no novo ambiente social e cultural. Dessa forma, a imigração não pode ser identificada apenas como uma mudança de pessoas de um lugar para outro, mas também como o deslocamento de histórias de vida, de culturas e de símbolos que constroem identidades.

Esta investigação deparou-se com diversidade de percursos migratórios e projetos de migração, e uma multiplicidade de motivações. A maioria dos percursos corresponde a projetos individuais. Os percursos migratórios são muito diferentes e caracterizados por diversas motivações. Rocha-Trindade define percurso migratório como:

O conjunto de passos, acções ou situações, dados ou experimentados por um indivíduo migrante, com relevância para o processo em que se encontra envolvido; o conceito tem uma natureza sequencial cronológica, mais do que propriamente espacial, e encontra interesse e aplicação sobretudo em situações de migração internacional. (1995, p. 37)

Desse modo, cada percurso migratório percorre diferentes etapas, e as motivações relacionadas às migrações femininas também diferem, em grande parte, das motivações masculinas ou das familiares. Não se trata aqui, de uma essencialização ou naturalização das diferenças entre os sexos, haja vista que pesa sobre estas um processo de socialização muito mais diferenciada do que quaisquer efetivas diferenças requereriam.

.Sem negar as particularidades biopsíquicas individuais – que significaria resvalar para um essencialismo sociológico - as teorias de gênero revelam os meandros da construção das relações de gênero como formas específicas de relações sociais marcadas pela desigualdade. A categoria conceitual “gênero” traduz “a organização social da diferença sexual”. (Scott, 1998, p. 115)

Scott pontua que as pessoas nascem simplesmente do sexo feminino, do sexo masculino, mas a criação dos paradigmas de mulheres e homens, bem como dos atributos, das posturas que deles/as são socialmente requeridos, passa pela elaboração cultural de tais características. A autora ressalta o processo de construção das ideias acerca dos papéis, das funções, das posições de mulheres e homens no bojo de relações que são marcadas pelo poder, desvelando, assim, as origens sociais das identidades de seres de sexos diferentes.

O gênero torna-se antes, uma maneira de indicar construções culturais - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. (Scott, 1995, p.75)

As migrações masculinas geralmente estão associadas a fatores de ordem econômica e/ou busca de segurança. Por sua vez, as mulheres também levam em consideração outros fatores, tais como a insatisfação com sua própria vida na sociedade de origem em função da ausência de oportunidades profissionais, infidelidades conjugais e crises no casamento, discriminações e violência.

Meu marido me traiu, quando descobri ele já tinha filhos com outra, então eu queria mudar minha vida; pensei em ir para o Rio, para São Paulo, mas não seria uma grande mudança. Então, uma amiga me sugeriu ir para Portugal [...]. (Marta, 46 anos)

Neste caso, a crise conjugal aparece como mola propulsora do processo de busca de um novo lugar, com a aposta de novo projeto de vida.

Eu vim sozinha, e decidi migrar porque estava em uma situação de divórcio, de separação. Aí eu decidi deixar tudo para trás, enfrentar, conhecer coisas. Achei que deveria aprender mais, achava né? A diferença entre achar e aprender é muito diferente [...]. (Sandra, 42 anos).

Também esta imigrante foi motivada pelo processo de separação, e vale ressaltar que suas palavras explicitam o choque entre projetos, expectativas e a realidade com que se depara. E prossegue:

[...] aprende sim, aprende a ser mau, ser bom, aprende a lidar com todos os tipos de pessoas. No Brasil também aprende isso, só que aqui com pessoas que não têm a mesma nacionalidade que a gente, esse tipo de gente. É uma escola, você migrar do seu país para outro, torna-se uma escola [...] Quando eu cheguei senti mais dificuldade nas pessoas, as pessoas são muito frias, ninguém te fala o que é a realidade aqui em Portugal, ninguém te fala, você tem que aprender sozinha, é como se você tivesse de devastar uma mata para construir o caminho sozinha, mas há pessoas boas também que te ajuda muito, e Deus põe as pessoas certas na hora certa. (Sandra, 42 anos).

Outras vezes, a imigração é impulsionada por desencantos e desilusões com parentes, amigos(as) ou sócios(as)

Minha trajetória começou quando eu resolvi exportar, porque eu tinha empresa no Brasil, tinha uma fábrica de moda praia e fitness, tinha duas lojas, e aí eu resolvi que era momento de exportar, e vim para cá com este intuito, só que quando eu cheguei aqui o país já não estava em boas condições, isso foi em 2006, porque a crise não começou agora, já vem de algum tempo atrás, então eu não consegui fazer nada, mas como sou um pouco teimosa, em 2006 eu passei 3 meses aqui. Em 2007 eu voltei e fiz um investimento maior e também não deu certo, só que em 2007 eu já passei um tempo maior aqui, e resolvi conhecer Portugal porque eu não consegui o que eu vim fazer, e como tinha pessoas tomando conta tomando conta da minha empresa no Brasil, então eu fiquei aqui 7 meses, quando eu voltei para o Brasil, a minha

secretária amiga de infância e que estava tomando conta da minha empresa me roubou, e eu fiquei muito decepcionada, ela fez um grande furo na empresa e eu consegui dar a volta, mas só que eu fiquei muito triste, e resolvi vir embora de vez, e vim e começaram as tentativas de negócios em Portugal. (Vera, 40 anos)

A nova realidade migratória é experiência que muito ensina: é escola de vida, na qual se aprende a duras penas; real processo de transformação.

[...] a minha história é a típica história de muita gente, de muitos imigrantes que estão aqui, que é mesmo procurar uma melhor qualidade de vida. Eu casei e [...] três meses depois do meu casamento eu vim para cá com meu marido e pronto; é aquela mesma situação que muitos procuram melhor oportunidade de vida. (Luciana, 24 anos).

Não raro revelam que tal processo de transformação é eivado por nostalgia, pelo “banzo” da terra natal.

Hoje, se eu voltar para o meu país eu volto outra pessoa. Agente sai do país achando que vai encontrar aquilo que não tem lá, o Brasil é um país muito bom, tem tudo e a gente só aprende a dar valor nos mínimos detalhes depois que vem para cá, porque aqui tudo é mais difícil. Gente da própria raça da gente acha que o valor da moeda é maior do que o valor da amizade, do que o valor da sinceridade. Hoje eu posso levar não dinheiro, não coisas materiais, mas uma bagagem muito grande de experiência, e o que vale para mim é isso, entendeu? Experiência, que posso passar para outras pessoas que queiram migrar, porque assim ela vem sabendo tudo o que vai passar. (Sandra, 42 anos).

Nas trilhas do paradoxo, entrelaçam-se a constatação do profundo individualismo existente - barreiras para o estabelecimento de novas redes de sociabilidades – e a generosa postura de compartilhamento da experiência vivida no intuito de poupar os/as que virão, os/as futuros/as migrantes.

Mudam as referências, passam a creditar maior valor aos sentimentos e às amizades, ao mesmo tempo em que experimentam a angústia do desenraizamento e a incômoda sensação de não pertencimento: “aqui a gente poderia comprar casa, carro, mas a minha vida não é aqui, minha vida não é aqui, não é aqui o meu lugar”. (Sandra, 42 anos).

Se imigração causa o desenraizamento do indivíduo, esse processo certamente gera, no mínimo, insegurança pelo rompimento dos vínculos sociais e pela perda dos pontos de referência culturais e sociais, podendo levar, entre outros fatores, à dispersão de identidade. Essa perda de sentido de si é o que Hall (2006, p. 09) chama de “deslocamento ou descentração do sujeito”. Desse modo, a cultura do(s) grupo(s) ao(s) qual(is) se identificavam tornam-se características fundamentais no processo de manutenção e consolidação da memória que culmina, em última instância, na preservação de uma identidade. No entanto, considera-se que em contexto migratório há a possibilidade da (re)construção da identidade, resultado do encontro e negociação com a nova cultura, não significando apenas a assimilação da nova ou a perda total da velha.

No processo migratório, a identidade é permeada por contradições, uma vez que o mesmo indivíduo que deixou o seu lugar de origem, se decidir voltar para lá, não encontrará mais a mesma realidade que deixou. Assim, a origem passa a ser um lugar imaginário, impossível de ser resgatada, e, o novo lugar de destino ainda não o acolheu plenamente; a identidade, portanto, sofre uma fragmentação: “E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma ‘chegada’ sempre adiada” (Hall, 2003, p.393).

Ao deixar a sua terra, o migrante passa a “adotar posições de identificação deslocadas, múltiplas e hifenizadas” (Hall, 2003, p.72) ou como expressou Bourdieu ao prefaciá-la obra “A imigração ou os paradoxos da alteridade”, de Abdelmalek Sayad:

Como Sócrates, o imigrante é *atopos*, sem lugar, deslocado, inclassificável. Aproximação essa que não está aqui para enobrecer, pela virtude da referência. Nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro, o “imigrante” situa-se nesse lugar “bastardo” de que Platão também fala, a fronteira entre o ser e o não-ser social. Deslocado, no sentido de incongruente e de

importuno, ele suscita o embaraço; e a dificuldade que se experimente em pensá-lo – até na ciência, que muitas vezes adota, sem sabê-lo, os pressupostos ou as omissões da visão oficial – apenas reproduz o embaraço que sua inexistência incômoda cria. (Bourdieu, 1998, p.11 *in* Sayad, 1998)

Numa relação dialética com a nova sociedade, o imigrante vai identificando e ao mesmo tempo se identificando. Nessa interação e sociabilidade, constrói imagens de si e do outro, cria vínculos e reúne pertencas sobre as quais aporta sua identidade, no sentido mostrado por Dubar (2006), da dupla fase das identidades: *identidade para si*, reivindicadas e marcadas por uma temporalidade, e *identidade para os outros*, atribuída pelos outros no interior do espaço social e num dado contexto histórico. Mas também exhibe tensões e, seja pela falta ou demasia de identificações, improvisa ajustes e mudanças, incorpora novas táticas e busca outras soluções para conseguir seus objetivos e obter reconhecimento.

Dentre os maiores problemas que revelam defrontar-se estão o preconceito e o assédio

[...] aqui o preconceito é muito grande, porque brasileira é puta, brasileira não presta, rouba o marido das portuguesas, mas isso não é uma verdade, não é verdade, é uma mentira muito grande. As casas de alterne estão aí e os homens vão com as próprias pernas deles, vai se quiser [...] e não são só as brasileiras que estão lá, tem portuguesas também, todas as raças, todas as raças estão sujeitas a fazer isso [...] eles confundem muito as coisas, acham que toda brasileira é puta, vai com qualquer um por qualquer trocado e não é assim [...]. (Sandra, 42 anos).

O depoimento de uma entrevistada, traz à tona intersecções de gênero nos espaços culturais, ressaltando um episódio em que se verifica a xenofobia e a violência de mulheres contra as próprias mulheres [...] as mulheres portuguesas são mais agressivas com as brasileiras; “quando arrumei um namorado português a mãe dele me disse que mulher brasileira é tudo puta e que ela não queria o filho dela envolvido com uma puta [...]” (Marta, 46 anos)

O assédio sexual pontuado por imigrantes brasileiras imbrica-se a outras formas de assédio que potencializam a exploração da força de trabalho, chegando a uma espécie de trabalho quase escravo.

[...] já sofri sim (assédio), e por conta desta discriminação; na verdade não é discriminação, é mesmo, na minha maneira de ver, é mesmo assédio. Já tive situação de trabalhar num lugar, trabalhar o mês inteiro e não me pagarem, falarem isso, isso e isso, e querendo, mesmo sabendo que eu era casada, e saí sem receber nenhum centavo, e como eu ainda não era legal no país, eu ainda não tinha residência, e isso aconteceu mesmo foi logo quando eu cheguei, das pessoas virem falar para mim: olha! Eu não tenho dinheiro para te pagar e eu não vou te pagar, se for na polícia quem sai na pior é você, e a gente tinha certo receio porque sabia que era isso mesmo, mas pronto, essa foi uma situação que aconteceu, e eu já saí de uns quatro trabalhos por causa disso, mesmo por assédio, por eu não ter cedido e optado por sair do trabalho. (Luciana, 24 anos)

A despeito da violência e ameaça retratadas na transcrição acima, uma das entrevistadas, ao mesmo tempo em que denuncia ter sofrido preconceito e assédio, termina por legitimar tais práticas.

[...] aqui nós brasileiras somos muito mal vistas em muitos lugares, também não tiro de todo a razão, eles têm muitas razões, porque muitas brasileiras não se dão ao respeito [...]. (Luciana, 24 anos)

As estruturas objetivas subjetivam-se sob a forma de esquemas cognitivos, de sistemas de percepções, que perpassam as identidades de gênero. A violência simbólica concretiza-se na auto depreciação que a imigrante revela.

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizante. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos. A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros. (Bourdieu, 1999, p. 19)

Bourdieu acrescenta que:

[...] a representação androcêntrica da reprodução biológica e da reprodução social se vê investida da objetividade do senso comum, visto como senso prático, dóxico, sobre o sentido das práticas. E as próprias mulheres aplicam a toda a realidade e, particularmente, às relações de poder em que se vêem envolvidas esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundantes da ordem simbólica. (Bourdieu, 1999, p.18)

As estruturas sociais – *habitudines* - subjetivam-se em *habitus* - disposições adquiridas, gostos, estilos, princípios de distinção e classificação. Ou seja: *habitus*, enquanto estruturas incorporadas, constituem uma ponte entre as *habitudines* que os produzem e reproduzem e as ações humanas que neles se enraizam. Ocorre uma subjetivação da objetividade e uma objetivação, através de ações sociais, dessa internalização socialmente produzida. Assim, as condições objetivas e subjetivas interagem incessantemente na construção das identidades dos sujeitos sociais. Ou seja: estamos diante de esquemas de dominação e subordinação que, gerados em instâncias objetivas, reproduzem-se através da subjetivação. A própria mulher internaliza princípios androcêntricos, introjeta o paradigma de relações hierarquizadas, desiguais e de opressão, objetivamente construídas; há todo um sistema de estruturas inscritas nas coisas e nos corpos, que se legitima pela subjetivação.

Considerações finais

Esse estudo acerca de mulheres brasileiras que ousaram enfrentar as barreiras do preconceito e da discriminação e tornaram-se empreendedoras em terras lusas, deparou-se com muitas histórias, muitas lembranças. São mulheres que carregam uma identidade espelhada num jeito de ser e viver que vem da cultura brasileira, criam e recriam sonhos para o presente e para o futuro, reconstróem a identidade em função do contexto social em que estão inseridas.

Houve durante todo o processo de realização da pesquisa uma preocupação em retratar suas reais condições de existência, suas trajetórias, dificuldades e projetos focalizando as múltiplas facetas do processo vivenciado pelas mulheres imigrantes em Portugal, por nós entrevistadas, processo este que se dá sob sombras e descrenças ou sob luzes e esperança.

Referências bibliográficas

Belchior, Luisa. Volta de brasileiros para casa enxuga economia em Portugal. Folha de São Paulo, 15.07.2012, Caderno A-4.

Bourdieu, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

Bourdieu, Pierre. *In* Sayad, Abdelmalek. A Imigração ou Os paradoxos da alteridade. São Paulo: EDUSP, 1998.

Dubar, Claude. A crise das identidades: A interpretação de uma mutação. Porto: Afrontamento, 2006.

Góis, Pedro; Marques, José Carlos; Padilha, Beatriz, Padilha, João. Segunda ou terceira vaga? As características da imigração brasileira recente em Portugal. Migrações. Out. 2009. Disponível em http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Revista_5/Migr5_Sec1_Art6.pdf. Acesso: 10/07/2013

Hall. Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. Da diáspora: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

Machado, Igor José de Renó, Cárcere Público: Processos de Exotização do Imigrante Brasileiro em Portugal, tese de doutoramento em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

_____. (Org.) Um mar de identidades: a imigração brasileira em Portugal. São Carlos: EDUFSCAR, 2006.

Malheiros, Jorge M. (Org.) Imigração Brasileira em Portugal. Lisboa: ACIDI, 2007.

Padilla, Beatriz. Integração dos “Imigrantes brasileiros recém-chegados” na sociedade portuguesa: problemas e possibilidades. In: Machado, Igor José de Renó. (Org.) Um mar de identidades: a imigração brasileira em Portugal. São Carlos: EDUFSCAR, 2006.

_____. A imigração brasileira em Portugal: considerando o género em análise. In Malheiros, Jorge. (Org.) Imigração Brasileira em Portugal, Lisboa: ACIDI, 2007.

Peixoto, João. Tráfico, contrabando e imigração irregular: os novos contornos da imigração brasileira em Portugal, Sociologia, Problemas e Práticas, n.º 53, p.71-90, 2007.

_____; Figueiredo, Alexandra. Imigrantes brasileiros e mercado de trabalho em Portugal. In: Machado, Igor José de Renó. (Org.) Um mar de identidades: a imigração brasileira em Portugal. São Carlos: EDUFSCAR, 2006.

PONTES, Luciana. Corpos deslocados: vulnerabilidade e processos de exotização das mulheres imigrantes brasileiras em Lisboa. Portugal. Dissertação de mestrado em Antropologia do Espaço, Universidade Nova de Lisboa, 2005.

_____. Mulheres brasileiras na mídia portuguesa. Cadernos Pagu, 23, jul/dez 2004, p. 229-256.

Rocha-Trindade, M. B. Sociologia das Migrações. Lisboa, Universidade Aberta, 1995.

Scott, J. W. Entrevista. Estudos feministas. Florianópolis, n. 1/1998, p.115.

_____. Género: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Porto Alegre, vol.20, n.2, jul./dez. 1995, p. 75.

Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Relatório de imigração, fronteiras e asilo. De 2002 a 2013. Disponível em: <http://www.sef.pt/portal/v10/PT/asp/page.aspx>

Togni, Paula C., e Raposo, Paulo. Os fluxos matrimoniais transnacionais entre brasileiras e portugueses: género e imigração. (Estudos OI), Lisboa: ACIDI, 2009.